

NEURÔNIOS DE SILÍCIO E CONSCIÊNCIAS HUMANAS: A ÉTICA COMO FAROL NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA

Ingrid de Magalhães Porto Cruz (PROSUP/CAPES/Unit)

E-mail: Ingridporto.cruz@gmail.com

Universidade Tiradentes/Programa de Pós-graduação em Educação/Aracaju/SE.

7.08.00.00-6 – Educação; 7.08.04.03-6 – Tecnologia Educacional

Resumo

Introdução: Vivemos uma metamorfose informacional. O mundo, cada vez mais, traduz-se em bits, dados e previsões algorítmicas. No coração desse redemoinho, emerge a Inteligência Artificial Generativa (IAG), tecnologia capaz de criar textos, sons e imagens a partir de comandos humanos. Diante de sua onipresença, não basta compreender o que ela faz, é urgente refletir sobre o que ela faz conosco. A questão ética, outrora periférica, tornou-se o eixo de sustentação das relações entre humanos e máquinas. A educação, campo da formação e do pensamento crítico, encontra-se no epicentro dessa virada: ou assume o desafio ético da convivência com as IA, ou será arrastada pela maré da automatização acrítica. **Objetivo:** Este estudo teve como objetivo analisar os pressupostos éticos que orientam o uso das Inteligências Artificiais Generativas na educação contemporânea, propondo caminhos reflexivos para a construção de uma ética informacional responsável. Busca-se compreender como o diálogo entre tecnologia e humanidade pode ser reconstruído sob o signo da responsabilidade, da autonomia e do pensamento crítico. **Metodologia:** A investigação adotou uma abordagem qualitativa, apoiada em revisão bibliográfica interdisciplinar e análise crítica das transformações educacionais provocadas pela IAG. Foram mobilizados referenciais das áreas de Filosofia, Ética e Cibercultura, permitindo compreender as implicações ontológicas e morais da inteligência maquina. O percurso metodológico privilegiou a interpretação hermenêutica dos discursos sobre tecnologia e educação, buscando evidenciar tensões e possibilidades emergentes. **Resultados:** Os resultados apontam que a ética não pode ser reduzida a um conjunto de normas, mas deve ser compreendida como princípio de discernimento e coabitação entre humanos e máquinas. A IAG introduz novos dilemas: autoria, veracidade, privacidade e responsabilidade, que tornam-se conceitos fluidos. Ao mesmo tempo, ela oferece oportunidades inéditas para a aprendizagem criativa e personalizada, desde que mediada por uma consciência ética vigilante. A educação, nesse contexto, é convocada a formar sujeitos capazes de pensar criticamente o uso das tecnologias, entendendo que cada clique, comando ou *prompt* carrega um gesto moral. O que está em jogo não é apenas a competência digital, mas a alfabetização ética necessária para existir no entrelaçamento homem-máquina. **Conclusão:** A ética surge, assim, como o farol que impede o naufrágio da humanidade em mares de silício. Mais do que regular comportamentos, ela orienta o sentido das ações humanas diante das inteligências, que apesar de “parecerem”, não são humanas. Educar para o uso ético da IAG significa cultivar uma consciência que reconhece tanto o poder criador, quanto o risco da delegação. Entre o fascínio e o medo, a ética é o exercício de permanecer humano, mesmo com as máquinas.

Palavras-chave: Ética digital; Inteligência Artificial Generativa; educação crítica.

ABSTRACT

Introduction: We live in an informational metamorphosis. The world increasingly translates into bits, data, and algorithmic predictions. At the heart of this whirlwind emerges Generative Artificial Intelligence (GAI), a technology capable of creating texts, sounds, and images from human commands. Given its omnipresence, it is not enough to understand what it does — it is urgent to reflect on what it does to us. The ethical question, once peripheral, has become the axis sustaining the relationship between humans and machines. Education, as the field of formation and critical thinking, finds itself at the epicenter of this shift: it must either embrace the ethical challenge of coexistence with AIs or be swept away by the tide of uncritical automation. **Objective:** This study aimed to analyze the ethical assumptions that guide the use of Generative Artificial Intelligences in contemporary education, proposing reflective paths for building a responsible informational ethics. It seeks to understand how the dialogue between technology and humanity can be reconstructed under the sign of responsibility, autonomy, and critical thinking. **Methodology:** The research adopted a qualitative-theoretical approach, supported by an interdisciplinary bibliographic review and critical analysis of the educational transformations brought about by GAI. References from the fields of Philosophy, Ethics, and Cyberculture were mobilized to understand the ontological and moral implications of machine intelligence. The methodological path privileged the hermeneutic interpretation of discourses on technology and education, seeking to highlight emerging tensions and possibilities. **Results:** The results indicate that ethics cannot be reduced to a set of norms but must be understood as a principle of discernment and coexistence between humans and machines. GAI introduces new dilemmas: authorship, truth, privacy, and responsibility become fluid concepts. At the same time, it offers unprecedented opportunities for creative and personalized learning, provided it is mediated by vigilant ethical awareness. Education, in this context, is called upon to form subjects capable of critically thinking about the use of technologies, understanding that each click, command, or prompt carries a moral gesture. What is at stake is not only digital competence but the ethical literacy necessary to exist in the human-machine entanglement. **Conclusion:** Ethics thus emerges as the beacon that prevents humanity's shipwreck in seas of silicon. More than regulating behaviors, it guides the meaning of human actions in the face of non-human intelligences. Educating for the ethical use of GAI means cultivating awareness that recognizes both creative power and the risk of delegation. Between fascination and fear, ethics is the exercise of remaining human, still and despite the machines.

Keywords: Digital Ethics; Generative Artificial Intelligence; critical education.